

Dificuldades apontadas por professores de Física provenientes de uma universidade pública sobre a educação básica e a universidade.

Difficulties highlighted by physic teachers from a public university about middle and high school education and university

Sérgio Rykio Kussuda

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
sergiokussuda@gmail.com

Roberto Nardi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
nardi@fc.unesp.br

Resumo

Autores como Mizukami et al. (2002) e Goodson (1995, apud MARTINS, 2007) consideram importante a colaboração entre professores que atuam nas escolas e pesquisadores para permitir ao pesquisador conhecer características da prática que não tem acesso. Neste sentido esta pesquisa visa apresentar respostas fornecidas por 16 licenciados em Física graduados em uma universidade pública que lecionaram mais de um ano sobre suas experiências no ensino, importância atribuída à graduação e possíveis mudanças no sistema de ensino que poderia melhorar o ensino, segundo estes licenciados. A análise das respostas fornecidas pelos licenciados através de um questionário *online* mostra que os licenciados percebem uma dicotomia entre a realidade apresentada pelo curso e a vivenciada em sala de aula, uma influência negativa da política de Progressão Continuada no ensino, necessidade de inclusão de conteúdos abordados na Educação Básica que não são trabalhados na universidade e a falta de vínculo empregatício do professor.

Palavras chave: formação de professores de Física, licenciatura em Física, opiniões de professores, políticas públicas educacionais.

Abstract

Authors like Mizukami (2002) and Goodson (1995, cited in MARTINS, 2007) consider important collaboration between teachers who work in schools and researchers in order to allow the researcher to know the characteristics of practice that don't have access. In this sense, this research aims to provide answers from 16 teachers in Physics graduated at a public university who have taught more than a year about their experiences in teaching, importance attributed to their undergraduate study and possible changes in the education system, according to these graduates. The analysis of the answers provided by licensed

through an online questionnaire shows that graduates perceive a dichotomy between the reality presented by the course and experienced in the classroom, a negative influence policy “Progressão Continuada” in education, need for inclusion of content covered in the Basic Education that aren’t worked at the university and the lack of employment of the teacher.

Key words: educational policies, Physics graduation, Physics teacher’s education, teacher’s opinion.

Introdução.

O presente trabalho é um recorte de uma dissertação em que procurou averiguar a escolha profissional de licenciados em Física de uma universidade pública. Nesta dissertação foi constatado, parte da falta de professores de Física no Estado de São Paulo, como sendo devido, em parte, à baixa quantidade de licenciados formados nesta área e parte devido à escolha profissional que os licenciados adotam após se formarem. Nesta pesquisa foi constatado que, entre os licenciados pesquisados, a evasão da docência de aproximadamente 25% dos licenciados que responderam a um questionário *online*.

Procuramos neste recorte apresentar uma reflexão mais aprofundada nas respostas fornecidas por uma das categorias de licenciados que surgiu na análise das respostas, a categoria dos licenciados que lecionaram após se formarem no curso de licenciatura em Física.

Mizukami (2002) defende que deve haver uma colaboração entre pesquisadores e professores que atuam na sala de aula, desta forma os pesquisadores terão acesso às limitações e características da prática docente que não podem obter sem a vivência em sala de aula. Desta forma, procuramos neste trabalho observar os relatos da amostra de licenciados que lecionam durante mais de um ano de forma a conhecer sua reflexão sobre sua prática, sobre a formação recebida e sugestões para melhorar na formação inicial. Esta prática de considerar o conhecimento do professor que atua na prática para contribuir nas pesquisas também é defendida por Goodson (1995, apud MARTINS, 2007):

Como ele mesmo demonstra, não são escutas que visem somente conhecer o outro, mas que configurem uma possibilidade colaborativa entre o professor investigador externo e o professor que narra tais ciclos vividos (GOODSON, 1995 apud, MARTINS, 2007, p. 44)

Este trabalho possui como objetivo procurar, através da voz do professor que leciona ou lecionou licenciado nas últimas décadas em uma universidade pública, averiguar quais as principais dificuldades e melhorias sugeridas por esses licenciados que possuem vivência no magistério.

Para obter os dados desta pesquisa foi aplicado um questionário *online* com os licenciados em Física formados em uma universidade pública de São Paulo que haviam concluído a graduação nas últimas duas décadas. Para isso contamos com dados fornecidos pela Diretoria Técnica Acadêmica da universidade em que os licenciados haviam cursado, sendo o principal dado o nome completo do licenciado, outros dados como cidade de origem utilizados para fins de conferência e refinamento da busca.

O contato foi possível através do endereço de correio eletrônico destes licenciados que foi obtido através de diversos métodos de busca que envolvia: *plataforma lattes*, motores de busca gerais, motores de busca específico para encontrar pessoas, lista telefônica *online* e redes sociais.

Através deste levantamento foi possível constatar que ingressaram 645 licenciados, tendo graduado 377 e contatados 273, tendo 52 destes respondido ao questionário.

Entre os 52 licenciados que responderam ao questionário 12 nunca lecionaram, 13 abandonaram a profissão, sendo que 12 deles o fizeram antes de cinco anos de magistério e os outros 27 continuam a lecionar, estando 11 lecionando no ensino superior e 16 na Educação Básica.

Nesta pesquisa serão analisadas as respostas fornecidas pelos licenciados que lecionaram mais de um ano e não cursaram pós-graduação voltada à área de Educação ou Ensino, pois acreditamos que eles possuem vivência suficiente para conhecer a realidade do ensino que não poderia ser observado apenas no estágio e não possuem conhecimento teórico aprofundado da área de Ensino que possa influenciar fortemente nas suas respostas.

Para a classificação destes licenciados, bem como das respostas fornecidas foi utilizado a Análise do Conteúdo apresentado por Laurence Bardin (2002), sendo classificados com este perfil 16 licenciados.

Resultados.

Através da análise das respostas fornecidas pelos licenciados pudemos observar que existe uma dicotomia entre a realidade apresentada pelo curso que idealiza as condições de trabalho docente e a realidade vivenciada pelos licenciados ao ingressar no magistério, como podemos observar abaixo.

Nos primeiros anos, tive ainda que me adaptar, pois a sala de aula é bem diferente do curso idealizado. Tive que aprender a administrar desde os primeiros anos certos limites com os alunos, na maioria das vezes, os alunos, além de não querer aprender, não respeitavam a sala de aula. (Licenciado 1, Ingresso em 1992).

Os licenciados relatam grandes dificuldades nos primeiros anos de docência, devido à insegurança, falta de experiência e à irregularidade no horário de trabalho, entretanto com o passar do tempo esta situação parece melhorar.

O início do trabalho como professor é difícil. Leva um tempo para se adaptar à rotina de aulas, provas, reuniões, cadernetas e mesmo para lembrar todo o conteúdo. Mas com o tempo o trabalho flui melhor. (Licenciado 16, Ingresso em 2001).

Destacamos que a irregularidade no horário de trabalho do professor não ocorre apenas nos anos iniciais de sua atuação, isto dificulta ao professor realizar atividades que complementem sua formação ou atividades de lazer e voltados à saúde.

Durante os primeiros anos de atuação o professor sente dificuldade da falta de vínculo empregatício com a escola e às condições de trabalho em que o professor está inserido:

Após formado, ainda não consegui uma regularidade no número de aulas ministradas, devido a falta de vínculos empregatícios das escolas. Em sua grande maioria, não utilizam as normas CLT vigentes, pagando apenas as aulas ministradas por semana, não pagando se ficarmos doentes, férias. (Licenciado 33, Ingresso 2000).

No Estado de São Paulo, onde a pesquisa foi realizada, atualmente, os professores são classificados em várias categorias que dependem da sua formação e do ano de ingresso no magistério. Os docentes aprovados em concurso público são classificados como professores

efetivos, contudo apenas a quantidade de professores efetivos não tem conseguido preencher todas as vagas disponíveis, como podemos observar na pesquisa realizada por Gesqui (2009) em uma escola estadual da grande São Paulo em que foi constatado que, apenas 64% das aulas foram ministradas por professores efetivos, 15,37% foram ministradas por substitutos e 20,64% não foram ministradas. Visando preencher estas vagas, são aplicadas anualmente avaliações denominadas “processo seletivo simplificado” que classifica os professores formados em outras 3 categorias: Categoria “F” que começaram a lecionar antes de junho de 2007, categoria “L” entre junho de 2007 e julho de 2009 e categoria “O” que passaram a lecionar após julho de 2009. Através desta categorização passaram a serem estáveis os professores efetivos e a categoria “F”, e as outras categorias são submetidas à avaliação anual, não possuindo estabilidade.

Existe relato de um dos licenciados que considera a atuação nos primeiros anos do magistério como positiva, pois pôde complementar o conhecimento teórico adquirido na universidade, o que indica novamente que o ensino apresentado na universidade não está adequando com a realidade em que o licenciado se insere após se formar.

Boas, com desafios e aprendizados complementares no que concerne a graduação (Licenciado 38, Ingresso em 2006).

Contudo, esse licenciado lecionou, em média, 4 horas-aulas semanais, bem abaixo da média nacional dos professores do Ensino Médio, apresentada por Gatti e Barreto (2009), que é de 40 horas-aula semanais.

Surge entre as respostas dos licenciados a dificuldade devido a algumas disciplinas que deverão ser trabalhadas na Educação Básica não serem oferecidas como obrigatórias na universidade:

Acredito que a Universidade não prepara adequadamente os alunos para o Ensino Básico, tanto do ponto de vista pedagógico quanto teórico (da disciplina de Física). Por exemplo, posso citar que, conteúdos como Astronomia, Física Nuclear e Relatividade fazem parte do Currículo de Física do EM do Estado de SP, mas não fazem parte do Currículo obrigatório do curso de Licenciatura em Física da (**Nome da instituição pesquisada**). (Licenciado 33, Ingresso em 2000)

Dois licenciados apresentaram a proposta pedagógica denominada Proposta Curricular do Estado de São Paulo como sendo boas, contudo coloca em questão sua aplicabilidade devido à restrição de tempo e condições de trabalho em que o professor está inserido.

A nova metodologia imposta pela Secretaria da Educação, vulgo 'caderninhos', traz, COM MUITAS RESSALVAS, um novo modo de apresentar os conteúdos, mas esbarramos na completa falta de estrutura para implementar o sugerido. Onde laboratórios? Onde materiais? Como um docente com carga horária completa encontra tempo preparar e realizar os experimentos ANTES das aulas? Onde um laboratório que comporte a superlotação das salas de aula? Sem contar as atividades burocráticas de acompanhamento e avaliação dos alunos e também agora os cursos de atualização profissional! (Licenciado 18, Ingresso em 1995).

Os licenciados desta categoria também apresentam o descontentamento com o salário e com as condições de trabalho da profissão, como apresenta a fala a baixo.

Os alunos não tem interesse nenhum por física e não há o que os faça se interessar pelo conteúdo, além do salário ser péssimo e o ambiente de trabalho lotado de professores que perderam totalmente o estímulo por lecionar (Licenciado 24, Ingresso em 2004).

De acordo com os relatos apresentados, existe maior falta de interesse dos alunos e piores condições de trabalho em escolas públicas:

Muitos colegas (professores) em escolas públicas, não suportaram a pressão e desistiram da docência. Uma das causas é a falta de limites (educação) dos alunos, violência, e salário abaixo dos profissionais liberais (Licenciado 1, Ingresso em 1992).

Um dos licenciados compara suas experiências em escolas particulares com as experiências vivenciadas na rede públicas e aponta que a falta de interesse parece existir em ambas as instituições de ensino, contudo em instituição particular a experiência parece ter sido melhor. No Ensino Superior a experiência de ensino parece ser positiva:

Dentro para o ensino superior: Muito bom! Os alunos gostam das aulas e consegui adquirir o respeito deles apesar de ser novo (25 anos atualmente). Dentro do ensino médio público: HORRIVEL! Os alunos não tem interesse nenhum por física e não há o que os faça se interessar pelo conteúdo, além do salário ser péssimo e o ambiente de trabalho lotado de professores que perderam totalmente o estímulo por lecionar. Dentro do ensino particular: Muito bom! Os alunos apesar não serem tão interessados ao menos respeitam o professor em sala de aula e a escola exige um mínimo nível, o que os força a estudar. (Licenciado 24, Ingresso em 2004).

Contudo podemos perceber na resposta de um dos licenciados que as escolas particulares possuem peculiaridades diferentes das escolas públicas que afastam os licenciados desta profissão:

As aulas ministradas no Estado foram as mais difíceis e por isso, resolvi abandonar a profissão nessa instituição. [...] Nos colégios particulares, o que mais importa é o dinheiro que os donos ganham. Temos que acatar a vontade dos alunos, dos pais, dos coordenadores. As aulas que gostei foram as do Supletivo, apesar dos alunos terem pouca bagagem e muita dificuldade. (Licenciado 45, Ingresso em 2006).

Alguns professores relacionam esta falta de interesse com a política pública denominada Progressão Continuada:

O descompromisso era e é muito presente. O papel de aluno está descaracterizado. A não necessidade de mostrar desempenho (boas notas) e até mesmo frequência às aulas para a promoção para a série seguinte (a tal progressão continuada que, na realidade, se tornou aprovação automática!) torna enfadonho o ambiente escolar (Licenciado 18, Ingresso em 1995).

A atitudes do aluno da Educação Básica perante o estudo é criticada pelo licenciado devido inexistência de obrigações para o aluno ser aprovado, política denominada Progressão Continuada, este relato ratifica dados encontrados por Nardi et al. (2009) ao entrevistar professores de diferentes regiões e tempos de magistério no Estado de São Paulo nas últimas décadas. Os autores observaram que, principalmente os professores da Educação Básica que atuaram durante longos períodos, apontam a política de Progressão Continuada como um dos fatores responsáveis pelo atual estado da educação.

Ainda em relação às escolas públicas, em uma das respostas surge a questão da quantidade de aulas destinadas ao ensino de Física como sendo curto para poder compreender toda a grade, uma vez que constantemente é necessário retomar os conteúdos de Matemática:

Acreditava que todos eram capazes de aprender, queria manter o ritmo da escola particular na pública e me desgastava com os alunos pois o interesse dos alunos da escola pública estudar não é prioridade. Em primeiro lugar

eles não vêem futuro na escola, e trocam em sua maioria os estudos por um trabalho. Por mais que eu fizesse experimentos, o conteúdo nunca é completamente cumprido na escola pública pois os alunos não sabem matemática básica para compreender Física, então primeiro você ensina matemática e depois vai para Física. E com apenas duas aulas por semana não se faz milagre. E aí você fica frustrado. (Licenciado 23, Ingresso em 2001).

Quanto à contribuição do curso de licenciatura para a sua profissão um licenciado demonstra descontentamento com a formação recebida pelo fato da universidade deixar de formar professores no curso de licenciatura e passar a formar pesquisadores, não sendo o foco dos professores desta instituição o ensino e sim a pesquisa:

O curso de Licenciatura em Física me colocou em contato com alguns professores que valiam a pena e a grande maioria pessoas que não sabem ensinar, sem didática alguma. Acho que o problema do curso é esse, os professores do departamento, em sua maioria querem estar na **(Nome da instituição)** apenas para pesquisar e não dar aula. Diferente do **(Nome da instituição)** e com isso você não sai nem um bom pesquisador nem bom professor se não estiver trabalhando com ensino. Os professores **(Nome da instituição)** colocam na cabeça dos alunos (isso na minha época) que você não vai dar aula, ou que aluno com D.P. (**disciplina pendente**) não serve pra nada, muitos nem querem orientar alunos sem bolsa o que faz com que só se pesquise o mesmo do mesmo, materiais. Eu mesma só fui reconhecida por um aluno de pós-doutorado do professor Dr. (**Professor 1**), desenvolvi com ele vários trabalhos. (Licenciado 23, Ingresso em 2001).

Cortela (2011) ao analisar os fatores que influenciaram na reestruturação do curso de Licenciatura em Física, desta mesma instituição, observa que embora a atual proposta pedagógica do curso tenha se aproximado da licenciatura ainda apresenta traços do bacharelado e, conseqüentemente muitos concluintes adquirem interesse pela pesquisa não relacionada à área de Ensino. Esta afirmação pode ser confirmada pela resposta de um dos pesquisados ao afirmar que o curso tinha perfil de bacharelado, o que incentivou o pesquisado a partir para área de pesquisa não voltada ao ensino e que caso o currículo fosse possuísse perfil de licenciatura possivelmente teria optado por lecionar.

O curso foi fundamental para eu escolher a carreira acadêmica. Principalmente porque na época que eu fiz, o curso tinha mais cara de bacharelado do que licenciatura. Hoje em dia o curso é mais voltado para licenciatura mesmo, como deveria ser. Se eu fizesse hoje talvez eu iria para a sala de aula ao invés da pós-graduação. (Licenciado 25, Ingresso em 2001).

Em contrapartida existem licenciados que acreditam que o curso foi bom, sendo capaz de criar o perfil de professor com conhecimento de matéria específica suficiente para se tornar um bom profissional.

O curso forneceu uma boa base para meu prosseguimento nos estudos no que se refere aos conteúdos de física, química e matemática como também noções de psicologia, didática e leis que regem a educação para a atuação profissional. (Licenciado 6, Ingresso em 1999).

Uma das sugestões para a melhoria do curso em que a pesquisa foi realizada é a necessidade de serem trabalhados conteúdos que são ministrados na Educação Básica aproximando, desta forma, o ensino realizado na universidade e a realidade em que será inserido o licenciado:

A sugestão é sempre aproximar o curso da realidade escolar, com enfoque na

Didática e em como trabalhar os conteúdos dos Ensinos Fundamental e Médio, quais tópicos desenvolver, o quanto profunda deve ser a abordagem, propondo sempre experiências práticas e até, um enfoque histórico. (Licenciado 13, Ingresso em 1998).

Surge nas respostas o desejo de voltar o currículo do atual curso para o currículo anterior, contudo parte do princípio de que o antigo currículo forma melhor pesquisador para atuar na universidade e não professores para a Educação Básica, objetivo do curso de Licenciatura em Física:

A formação sólida, corpo docente competente e a grade curricular bem estruturada do curso de Física foram primordiais para que eu pudesse atuar em uma instituição de ensino superior. Como sugestão sugiro que mantenha estrutura curricular que tinha até 2001. (Licenciado 28, Ingresso em 1997).

Conclusões.

Através da análise das respostas fornecidas pelos licenciados foi possível perceber a dicotomia existente entre a realidade apresentada pela universidade e a realidade vivenciada pelo licenciado demonstrando necessidade de maior interação entre a universidade e a Educação Básica durante a formação de professores. Neste sentido a formação tem melhorado ao tornar obrigatório o estágio curricular supervisionado de 400 horas através da Resolução CNE/CP e, de 19 de fevereiro de 2002. Contudo ainda é necessário tornar conteúdos que o licenciado irá ministrar como, por exemplo, a astronomia, uma disciplina obrigatória nas universidades, pois além de vivenciar a realidade em que irá atuar precisa ainda possuir o conhecimento dos conteúdos que irá ensinar.

As respostas fornecidas pelos licenciados permite observar que os licenciados sentem necessidade de vínculos empregatícios, uma vez que não ocorrem concursos de ingresso no magistério periodicamente. Conseqüentemente o licenciado atua como substituto por vários anos, o que não garante estabilidade financeira para o mesmo, incentivando o licenciado a procurar outras profissões em que poderia obter maior estabilidade.

Quanto às políticas públicas existem políticas que parecem dar certo, como no caso da implantação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, contudo os licenciados ressaltam que existem dificuldades de aplicabilidade devido à restrição do tempo e condições de trabalho, principalmente devido à reduzida quantidade de aulas e à necessidade do professor retomar os conteúdos de matemática não compreendidos pelos alunos. Por outro lado, existem políticas que não estão dando certo, como a Progressão Continuada.

Podemos observar um descontentamento com os salários e condições de trabalho apresentado por estes professores. A condição de trabalho e o salário devem receber maior ênfase como política de melhoria do ensino, uma vez que estes são os maiores motivos para o abandono da profissão, como aponta a pesquisa de Kussuda e Nardi (2013) em que foi constatado que sete dos 24 professores que abandonaram a profissão o fizeram devido às condições salariais em que estão inseridos.

As respostas dos licenciados também mostram que existe uma dicotomia entre a licenciatura e o bacharelado no curso de Física, pois muitos sentem que estão sendo formados como pesquisadores e não professores. Este fato tem incentivado licenciados a partirem para a pesquisa em Física e não ao magistério, mostra ser necessário criar ou reestruturar cursos de licenciatura de forma que sejam bem caracterizados como licenciatura a fim de formar licenciados que pretendam lecionar e possuam conhecimentos necessários para atuar no magistério.

É necessária uma maior interação da comunidade e pais dos alunos com a escola a fim de transformar a escola em um local em que o aluno perceba a importância para sua formação e se interesse pelo ensino. Pesquisadores como Zeichner (1993) apresentam algumas ideias de como interagir com a sociedade de forma que os professores possam compreender a sociedade em que atua e atrair a sociedade para atuar junto com a escola, contudo é necessário políticas que incentivem o professor realizar esta interação com a sociedade e que o permita trabalhar em apenas uma escola por vários anos, pois atualmente o professor substituto precisa trabalhar em diversas escolas e, devido à falta de estabilidade e aos concursos anuais para atribuição de aula, trabalha em diversas escolas e dificilmente na mesma escola por diversos anos consecutivos.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, 4 de mar. de 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>> Acesso em: 12 mar. de 2012.
- CORTELA, B. S. C. **Formação inicial de professores de física: fatores limitantes e possibilidades de avanços**. 2011. 288f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.
- GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009. 293 p.
- GESQUI, L. C. Formação e condições de professores eventuais atuantes na rede pública estadual. In: **Reunião Anual da ANPED**, 32., 2009, Caxambú. Anais... Rio de Janeiro: Anped, 2009. p. 1-14
- KUSSUDA, S. R. A; NARDI, R. Motivações para a permanência ou abandono do magistério segundo licenciados em Física de uma universidade pública. In.: **Simpósio Nacional de Ensino de Física**. 20., 2013, São Paulo. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snef/xx/sys/resumos/T0936-1.pdf> Acesso em: 12 mai. 2013.
- MARTINS, M. do C. Histórias do currículo e currículos narrativos: possibilidades de investigação na história social do conhecimento. **Pro-Posições**, v. 8, n. 2, p. 39-50, mai/ago. 2007. Disponível em: <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/53-dossie-martinsmc.pdf> Acesso em: 12 mai. 2013.
- MIZUKAMI, M. da G. N et al. **Escola e aprendizagem da docência: Processos de investigação e formação**. Editora UFSCar 2002. 203 p.
- NARDI, R. et al. A pesquisa em ensino de ciências e o ensino de sala de aula: memórias de professores que atuaram nas últimas décadas. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 7, 2009, Florianópolis. Anais... Belo Horizonte: Abrapec, 2009. p. 1-8
- ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993. 131 p.